



MEMÓRIAS DE PESQUISA

**15 *Pesquisando carnavais: entre escolas de samba no Rio de Janeiro (RJ) e Manaus (AM)***

*(Researching carnivals: among samba schools in Rio de Janeiro [RJ] and Manaus [AM])*

**Ricardo José Barbieri<sup>1</sup>**

1. Doutor em Antropologia pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia da UFRJ. Pesquisador associado do RISU – Núcleo de Pesquisa em Rituais, festas e Sociabilidades Urbanas da UFRJ. Autor do livro “Acadêmicos do Dendê quer brilhar na Sapucaí” (2012). E-mail: delezcluze@gmail.com

**Resumo** – A experiência etnográfica junto às escolas de samba é revisitada através da memória deste pesquisador. Acompanhando sua trajetória acadêmica as questões auditadas em pesquisas junto aos barracões de preparação de alegorias das escolas de samba quando da ocupação do complexo conhecido como *Cidade do Samba*. Acompanhando os desdobramentos daquela ocupação temos as redes de relações sociais ampliadas às escolas de samba das divisões inferiores e uma breve reflexão sobre a competição e a colaboração entre escolas de samba. Chegamos até Manaus (AM) onde a tese que nos orienta é a singularidade das escolas de samba em diferentes cidades brasileiras. Em campo novos problemas surgem dessa relação como a sociabilidade através da fofoca e da rivalidade em diferentes âmbitos, inclusive o das relações mediadas pela internet.

**Palavras-chave:** Escolas de Samba. Etnografia. Carnaval. Rio de Janeiro. Manaus.

**Abstract** – The ethnographic experience with the samba schools is revisited through the memory of this researcher. Following his academic trajectory, the questions audited in research with the sheds for the preparation of allegories of the samba schools when the complex known as *Cidade do Samba* was occupied. Following the developments of that occupation, we have the networks of social relations extended to the samba schools of the lower divisions and a brief reflection on the competition and collaboration between samba schools. We arrived in Manaus (AM) where the thesis that guides us is the uniqueness of samba schools in different Brazilian cities. In the field, new problems arise from this relationship, such as sociability through gossip and rivalry in different areas, including relationships mediated by the internet.

**Keywords:** Samba schools. Etnography. Carnival. Rio de Janeiro. Manaus.

Ao receber o convite para escrever este fiquei imaginando de que forma abordar o tema da pesquisa etnográfica que não partindo da experiência pessoal? Pois em si mesma é a etnografia a lidar com a experiência transformadora do antropólogo na pesquisa de campo desde sua definição aos mais diferentes aspectos. Pulsando ainda hoje nas reflexões sempre angustiantes da antropologia.

E por falar em angústias é preciso me desculpar antecipadamente aos leitores por trazer nestas linhas uma fala franca e de certa forma simples, ainda que procurando respeitar o conceito da publicação em que ela foi aprovada e os ditames da escrita academia. E não é esse já um dilema da pesquisa de campo em ciências sociais?

Assim sendo pensei em várias maneiras de estruturar este texto e entre as idas e vindas acabei optando por este formato: carregado de uma coloração pessoal tingindo a escrita. Um formato que tenta se aproximar daquilo que penso ser a escrita etnográfica.

Além disso preciso alertar aos leitores do caráter limitado deste artigo. Por seu tom ensaístico, não há a pretensão de um grande tratado sobre pesquisa etnográfica e muito menos acadêmica. Há aqui o sincero intento de refletir através das experiências de campo deste autor.

Portanto, o texto segue minha trajetória acadêmica, partindo da pesquisa com as escolas de samba do Grupo Especial no Rio de Janeiro – quando da inauguração do complexo de fábricas de alegorias chamado Cidade do Samba – passando pelas escolas das divisões inferiores na hierarquia competitiva até a chegada no norte do Brasil com as escolas de samba da capital do Amazonas, Manaus.

### **1. Rio de Janeiro: das grandes às pequenas escolas de samba**

O inicio de minha dissertação de mestrado versava sobre minha trajetória e interesses antes de desembarcar na pesquisa acadêmica que marcaria minha entrada no universo de interesse acadêmico por escolas de samba, festas e rituais. E seria aquele momento em 2004 quando ao ser selecionado como bolsista de iniciação científica no projeto de pesquisa “Síbolismo e Análise Cultural: Ritos da cultura popular” realizado sob orientação da professora Maria Laura Viveiros de Castro Cavalcanti. Ali aprofundei meu interesse pela antropologia, desenvolvendo pesquisa de campo em suas diferentes dimensões observacionais. Simultaneamente pensando na antropologia urbana e em diversos autores que refletiram sobre

fazer etnografia no contexto urbano.

Para pensarmos sobre este contexto precisamos remontar o panorama das escolas de samba e do complexo mundo das escolas de samba (LEOPOLDI;2007). O desfile das escolas de sambas, em seu ciclo ritual, articula “não só uma vasta rede de relações, construída entre camadas e grupos sociais diferenciados, como formas artísticas distintas, especialmente a dança, a música e a visualidade” (CACLAVANTI;2006).

A construção da Passarela do Samba em 1984 como palco que abriga os desfiles do foi decisiva na transformação do carnaval. A partir da inauguração desta o desfile torna-se ainda mais atraente e um grupo de grandes escolas, funda a Liga Independente das Escolas de Samba (LIESA). A LIESA, fundada em 1984 numa tentativa de profissionalização e organização do Desfile das Escolas de Samba do Grupo Especial, congregando as então 14 maiores escolas do carnaval carioca.

A fundação da LIESA e a inauguração do sambódromo marcam uma profunda transformação no desfile das escolas de samba do Rio de Janeiro. Esta transformação desemboca recentemente em um novo fato que será interessante analisarmos num contexto de observação das mudanças ocorridas no carnaval

carioca em especial em sua forma processional, o desfile das escolas de samba. Mudanças que desembocariam em um complexo de galpões voltados para a preparação de alegorias e fantasias que concentrariam as principais escolas do Rio de Janeiro.

Este espaço é até hoje conhecido como Cidade do Samba. Trata-se de um espaço inteiramente dedicado à produção do carnaval carioca. Em um antigo terreno da rede ferroviária federal, a Prefeitura do Rio construiu 14 galpões, cada um com 7mil m<sup>2</sup> e 19 metros de altura, a um custo inicial orçado em R\$ 102,6 milhões em um terreno de 98.000 m<sup>2</sup>. Os galpões possibilitaram uma clara visualização da divisão do trabalho em seu interior como nas fábricas. No primeiro pavimento de cada galpão existe uma área interna que comporta 12 alegorias, 4 além do máximo permitido no desfile das escolas do grupo especial. Há setores especiais para trabalhos de marcenaria, serralheria, almoxarifado e até mesmo uma mini-recepção nos portões voltados para a área externa da Cidade do Samba. No segundo pavimento funcionam refeitório, cozinha e vestiários. Existe ainda um terceiro e quarto pisos onde funcionam ateliês e escritórios. No quarto piso, onde funcionam os ateliês para fabricação de esculturas, há um vão central que possibilita a movimentação das escultu-

ras e a montagem sobre os carros alegóricos através de um guincho preso a uma monovia. Em cada um dos pavimentos existe uma passarela que possibilita diversos ângulos de visão das alegorias tal qual ocorre com os diferentes setores da Marquês de Sapucaí onde elas desfilarão. Os portões para a saída dos carros alegóricos têm 10 metros de altura e são voltados para a praça central interna do complexo. O espaço dispõe ainda de área de lazer central com praça de alimentação e tenda para shows, estacionamento para 226 vagas, um galpão de recepção aos visitantes e prédio administrativo. O projeto foi elaborado pelo Instituto Pereira Passos em parceria com a LIESA. A prefeitura do Rio de Janeiro desembolsou mais de 80 milhões na construção. Finalizadas as obras, a administração do complexo foi entregue pela prefeitura a LIESA. A estrutura montada na cidade do samba representou uma nova onda de mudanças para as escolas de samba. Para confirmar tal relevância é possível citar Magnani em seu estudo sobre a metrópole que relaciona o uso de certos grupos dos equipamentos urbanos da cidade e seus efeitos para além da cidade:

(...) capaz de apreender os padrões de comportamento, não de indivíduos atomizados, mas de múltiplos, varia-

dos e heterogêneos conjuntos de atores sociais cuja vida cotidiana transcorre na paisagem da cidade e depende de seus equipamentos.” (Magnani; 2002)

Até então nas escolas de samba os barracões eram “amplos galpões de sua propriedade ou cedidos por empresas ou pelo governo estadual ou municipal, situados preferencialmente em áreas próximas ao centro da cidade, de modo a facilitar o penoso transporte das alegorias para a área de desfile” (Cavalcanti; 2006). Na verdade, nenhuma escola do Grupo Especial em 2005 tinha a efetiva posse desses galpões, em sua maioria localizada na zona portuária do Rio de Janeiro. O barracão ocupado pela União da Ilha e Império Serrano em 1984 foi “cedido à escola graças à ligação da Ilha com o Cais do Porto” (Cavalcanti; 2010) e até recentemente abrigava a Caprichosos de Pilares, comprova a já antiga situação irregular. A ocupação desses armazéns e galpões se deu muitas vezes de maneira clandestina, segundo a Companhia Docas dos 76 galpões destinados à revitalização da região, 24 estão invadidos. Um acordo entre Riotur e as escolas em 1995 regularizou provisoriamente a ocupação dos galpões através do abatimento das dívidas da Companhia de Docas e RFFSA (Rede Ferroviária Federal) com a prefeitura. Entre-

tanto o contrato acabou já em 1996 e a Companhia de Docas quer retomar os prédios.

A confecção dos carros alegóricos e de algumas alas que desenvolvem o tema apresentado pelas escolas de samba no desfile ocorrem no barracão. As alegorias “são formas de arte coletiva que envolvem em sua confecção o carnavalesco e sua equipe de especialistas e ajudantes” (Cavalcanti; 2006). O processo de confecção se dá de maneira temporal, com as seguintes etapas que em determinado momento podem até mesmo coexistir – “ferragem; marcenaria; escultura e moldagem; decoração/vidraçaria/mecânica” (Cavalcanti; 2006).

Com a desocupação dos antigos armazéns improvisados por parte das escolas do Grupo especial, muito se discutiu acerca da utilização desses espaços. Como a posse dos barracões da Cidade do Samba é transitória e permitida apenas às escolas do Grupo Especial, muitas delas não desistiram de manter seus antigos barracões ocupados, assim sendo mantiveram neles funcionando ateliês e oficinas das escolas de samba mirins. Outras escolas, porém, resolveram ceder seus antigos barracões para escolas do grupo de acesso A. A ocupação desses barracões pelas escolas do grupo de acesso A teria enorme importância, visto que muitas amargam condições de tra-

lho ainda piores em seus barracões atuais. É possível verificar uma imensa rede de relações sociais que se movimentam neste processo de ocupação e desocupação de barracões, que envolve: Prefeitura empresas donas dos terrenos e armazéns, escolas de samba de quase todos os grupos, setor turístico da cidade, grupos interessados na revitalização da zona portuária etc. Numa tentativa de entender o funcionamento dessas redes de relações e trocas entre escolas, que muitas vezes serão ou são concorrentes, um estudo profundo se faz conveniente. É interessante observar possíveis mudanças no processo de preparação da festa e na festa em si atreladas à centralidade da alegoria, enquanto expressão artística coletiva e popular; bem como sua efêmera utilização ritual. Seguindo a perspectiva de uma observação etnográfica de perto e de dentro, que leva em consideração os atores sociais envolvidos, a rede das escolas de samba carioca efetua transações internas que movimentam e afetam a metrópole enquanto sua totalidade. Apesar de não ter sido inteiramente bem-sucedida a transferência dos barracões das escolas do grupo Especial para a Cidade do Samba desencadeou uma série de conflitos e reordenamentos que desde o circuito das escolas de samba afetou o todo.

Retomemos o tema da produção de uma etno-

grafia neste contexto , portanto. Um grande passo para a produção etnográfica de qualidade num meio familiar como é o caso do meu relacionamento com as escolas de samba, e como acredito ser um caso recorrente nos estudos de Antropologia Urbana, é o “desligamento emocional para tornar o familiar exótico”, passo importantíssimo “para estudar um ritual brasileiro” (DaMatta; 1997). Tenho consciência que para superar essa dificuldade é necessário recorrer à Gilberto Velho com suas valiosíssimas lições sobre Antropologia Urbana e que enuncia que “O fato de dois indivíduos pertencerem à mesma sociedade não significa que estejam mais próximos do que se fosse de sociedades diferentes, falar a mesma língua também não exclui a possibilidade do distanciamento” (Velho; 2003). O que sempre vemos e encontramos pode ser familiar, mas não é necessariamente conhecido e o que não vemos e encontramos pode ser exótico, mas não totalmente desconhecido. Ao observar o familiar deve se levar em conta determinadas relações que devem ser pensadas de maneira a evitar impedimentos se não relativizados ou sistematicamente forem objetos de reflexão. Uma primeira providência foi desarmar minha consciência de uma visão pejorativa em relação à centralidade das alegorias no desfile de escola de samba. Um debate que mistura a premência

do visual no desfile e que toma no meio carnavalesco ares e pega emprestados argumentos de um debate já travado dentro da Antropologia sobre o que seria popular e o que seria o erudito. Imbuído destas noções, um amplo campo de pesquisa se abre à minha presente reflexão. A compreensão da rede de relações sociais ligadas ao processo de confecção das alegorias na Cidade do Samba denota uma parte do rico contexto que destaca o desfile das escolas de samba na pesquisa sociológica na cidade do Rio de Janeiro.

Lembro que naquele momento um dos principais debates seria sobre a inauguração de uma passarela que permitiria ao público percorrer e ter uma visão ampla do interior de todos os galpões da cidade do samba. Na época fui um dos grandes entusiastas de tal passarela mas muitos carnavalescos e presidentes das escolas de samba foram imediatamente contrários ao intento. Posteriormente a Cidade do Samba sofreu um grande incêndio no ano de 2011 e daquele momento em diante a passarela nunca mais foi reaberta. Como conclusão de tal discussão e pensando nas alegorias como objeto ritual do desfile das escolas de samba e que deve ser consumido exclusivamente no momento do desfile cheguei a conclusão que a conclusão sobre a evidente importância do segredo ritual. à retomando a definição da alegoria

2. A hierarquia competitiva diz respeito aos estamentos, grupos ou divisões em que cada escola de samba tem que galgar para se tornar conhecida na cidade ou a grande campeã do carnaval. Detalhei o intrincado sistema competitivo em algumas ocasiões. A primeira vez foi na dissertação de mestrado posteriormente publicada como “A Acadêmicos do Dendê quer brilhar na Sapucaí” (2012).

para Maria Laura Viveiros de Castro Cavalcanti é possível resgatar as origens de tal posição que envolve uma proteção das alegorias para o grande momento que é o desfile das escolas de samba. Faz parte da competição que é o desfile das escolas de samba, uma certa aura de encantamento e surpresa que envolve inclusive a temporalidade da festa. O que no início era até justificável por se tratar de uma convivência com concorrentes diretos do cobiçado título de melhor escola, tornou-se deturpado e confuso a partir do momento em que o dia do desfile se aproximava e com ele aumentavam as tensões em torno de uma restrição do acesso aos detalhes que iam tomando forma nos barracões. Durante a pesquisa de campo presenciei situações inusitadas como a expulsão de uma equipe de reportagem de dentro de um dos barracões. Várias escolas passaram a selecionar o que queriam mostrar para a imprensa e dessa forma o acesso tornava-se mais restrito à medida que tudo ia ficando pronto e a alegação de espionagem fazia cada vez menos sentido. A única conclusão que pude chegar é que o acontecimento dos desfiles em si tinha por si só que ser revelador. Mais uma vez é possível constatar que, por trás do segredo que envolve a preparação das alegorias, está a sua integração com a totalidade dos elementos que completam o desfile.

E então retornamos ao enunciado elaborado por Cavalcanti (2010) relacionando a “centralidade simbólica da alegoria a seu papel de mediador de redes sociológicas, significados simbólicos e cosmológicos”. Portanto, vemos a importância do conhecimento de tais práticas por parte dos sambistas, para acessar e pensar os instrumentos e etiquetas na pesquisa dentro das escolas de samba.

## **2. As escolas que buscam os holofotes da Sapucaí**

O universo das escolas de samba no Rio de Janeiro é imenso. É proporcional ao tamanho deste carnaval e da importância das escolas de samba na vida cultural da cidade. O mundo do samba se espalha por todos os âmbitos e tal qual fato social total no sentido estrito do termo (MAUSS; 2008). Já me debrucei inúmeras vezes e geralmente ao falar de tal universo competitivo repito as mesmas tabelas explicativas e classificações neutras relacionadas as divisões e associações organizadoras ou aglutinadoras das escolas de samba cariocas<sup>2</sup>. A importância de tal descrição detalhada com a tradução dos termos nativos para um grande público que nunca se relacionou com as escolas de samba, e sim estas pessoas existem.

Se por um lado ressalto a importância de tal

descrição detalha da hierarquia competitiva do carnaval das escolas de samba, por outro nunca tive a oportunidade de detalhar a importância da mesma. A primeira e mais importante já foi detalhada. Além desta também precisamos de marcos regulatórios da fruição organizatória do universo competitivo do carnaval. O desfile é também uma competição, um espaço de trocas agonísticas (MAUSS; 2008), onde, como mostrou Cavalcanti (2006), as escolas a um só tempo rivalizam e confraternizam. Muitas das vezes a dimensão competitiva do carnaval exacerba os limites negociados em regulamentos e juris dos desfiles. Como já observou Cavalcanti (op.cit) o sistema ritual competitivo dos desfiles das escolas de samba no carnaval urbano é um processo dinâmico repleto de movimentos e mudanças anuais. A natureza competitiva desse sistema ritual, apesar de permanecer como sua razão de ser, modifica-se através do tempo, acompanhando mudanças externas. As escolas inconformadas com resultados rompem com outras, fundam novas associações ou ligas. Posteriormente um grupo hierárquico identificado com determinado nível, ou se pensarmos neste universo como uma pirâmide subdividida em vários andares, muda de nome ao sabor dos rearranjos estruturais.

A opção por não publicar aqui um novo quadro

da hierarquia competitiva do carnaval carioca ou de qualquer outro carnaval se dá justamente por essa fluidez. Além disso há uma mobilização dos pesquisadores de carnaval em mapear essas transformações. Um trabalho que não se encerra e acompanha o interesse por carnavais pelo Brasil. É algo que está nas origens das escolas de samba como nos mostra em sua tese Gabriel Turano (2017) que apenas no período dos anos 1930 aos 1950 cataloga uma série de organizações associativas dos desfiles, muitas das vezes concorrentes, no carnaval carioca. No entanto, ao transportar o quadro elaborado no carnaval carioca para o carnaval de Manaus vemos a necessidade de que tal quadro conte com a descrição de alguns elementos, mas fundamentalmente que todos os dados se traduzam em uma classificação neutra.

Sendo assim, estabeleceremos os grupos a partir do regulamento das entidades de filiação das escolas. A seguir, temos os respectivos dias de desfile de cada grupo, o número de concorrentes dentro deles; e os espaços de preparação das alegorias para os desfiles. Fechando o quadro, apresentamos uma classificação com denominação neutra para as graduações hierárquicas com o objetivo de aproximar esse conjunto de dados à realidade de um leitor não muito familiarizado com os desfiles e com esse sistema. A

classificação neutra adotada estes trabalhos sempre foi inspirada em uma numeração ordinal partindo do topo para a base – ou seja, da 1<sup>a</sup> divisão sendo o topo da pirâmide seguindo a 2<sup>a</sup> divisão e assim sucessivamente. Fica clara a inspiração na estratificação das competições esportivas que curiosamente também muda de acordo com o tempo.

Existe algo que tem aparecido com frequência nos últimos tempos. Como acomodar possíveis cissões entre grupos que se encontram no mesmo nível hierárquico? Uma providência imediata pode ser colocar uma tabela paralela, que complexifica ainda mais nossa descrição. A questão não é fácil de ser resolvida pois o impasse pode se traduzir em uma interdição da relação entre os grupos, onde não há acesso ou descenso, por exemplo.

Para o momento retomamos a questão das escolas de samba em busca de ascensão seja no Rio de Janeiro ou em outras cidades do país. Em outra dimensão da produção do quadro vemos que há diferenças que estão intrincadas as diferenças de porte das escolas, seja pela produção de um regulamento adequado ao porte destas escolas – escolas em uma escala inferior na pirâmide competitiva tendem a ter menos carros alegóricos, alas e componentes a apresentar em desfile – ou até mesmo em relação aos va-

lores monetários das subvenções e patrocínios destas escolas. Assim sendo geralmente as condições de preparação para os desfiles tendem a ser piores em escalas inferiores da pirâmide competitiva. Tal condição propicia aberturas para diferentes abordagens etnográficas nestes campos.

Ainda persistem, diferentes espaços de produção das alegorias que indicam a disparidade dos diferentes níveis de competição das escolas de samba. Existem, por exemplo, escolas que produzem seu carnaval nas suas quadras. Como vimos, há também aquelas que ocupam galpões na zona portuária da cidade do Rio de Janeiro. A maior parte das escolas que não fazem parte do Grupo Especial produzem seus carnavais em espaços compartilhados e improvisados entre muitas delas.

O modelo se reproduz em muitos outros carnavais pelo Brasil. Há os casos dos barracões de escolas de samba dos grupos de acesso em Manaus que funcionam nos arredores do complexo de galpões da cidade, conhecido como Morada do Samba. Ali as escolas improvisam num emaranhado de fios ligando as maquinas de solda e holofotes que possibilitam o trabalho noturno nos dias antecedentes ao carnaval. Assim como vemos tendas e balcões provisório que mesmo assim denotam espaços um pouco mais

estruturados que convivem com alegorias expostas às intempéries climáticas no que seria o estacionamento de automóveis do complexo que compreende a pista de desfiles das escolas de samba de Manaus.

Voltando ao carnaval do Rio de Janeiro, paralelamente ao projeto de construção da Cidade do Samba, no final de 2004, as escolas menores procuraram se organizar buscando abrigo para suas alegorias. Foi neste momento que, liderados pelos presidentes Zezinho Orelha, da União do Parque Curicica e por Maneco, presidente da Difícil é o Nome, essas pequenas escolas encontraram abrigo em outro terreno da RFFSA que servia de oficina de trens, bem próximo da já desativada gare da Leopoldina. A quantidade de lixo e sucata abandonados no local e a estrutura bastante depreciada do prédio levaram àqueles que ocuparam o espaço a chamá-lo de “Carandiru”. Na época o filme de Hector Babenco baseado no livro “Estação Carandiru”, do médico Dráuzio Varella, em que ele narra as suas experiências com a dura realidade dos presídios brasileiros, ainda fazia bastante sucesso. Simultaneamente, discutia-se a implosão do presídio que aconteceria em meados daquele mesmo ano. O paralelo entre a total decrepitude do presídio e do prédio da RFFSA logo foi traçado pelos ocupantes do espaço. No ano de 2009, dividiam esse

espaço cerca de 13 escolas, desde o da 2<sup>a</sup> divisão até a 5<sup>a</sup> divisão, além de um bloco de enredo e uma escola mirim, que conviviam, segundo seus ocupantes, com o mau-cheiro, acúmulo de lixo, condições de trabalho insalubres, insegurança e constante risco de incêndio.

Essa ocupação repercutiu bastante na mídia nessa época, pois o governo resistia em ceder essa área às escolas. Para tanto, contou muito a influência de alguns dirigentes, como foi o caso do Zezinho Orelha presidente da União do Parque Curicica, antigo policial ferroviário e conhecedor do terreno. Quando ia a programas de rádio reivindicar sua permanência, geralmente tratava do terreno em questão pelo apelido de “Carandiru”, que acabou “pegando” entre as pessoas envolvidas com a produção do carnaval, o “mundo do samba”.

Com a transferência dos desfiles para a Estrada Intendente Magalhães, em 1998, um outro grupo de escolas procurou um espaço próximo à pista dos desfiles. Assim ocuparam por um período um antigo galpão da COBAL de Jacarepaguá, que viria a ser destruído e transformado na Praça dos Lavradores. Com isso as escolas que lá se encontravam transferiram-se para um novo espaço, um antigo depósito de bebidas da Antártica, na esquina da Carlos Xavier com a Henrique Braga em Campinho, que logo foi

3. Mesmo na Cidade do Samba, construída especificamente para a preparação do carnaval das escolas de samba, a ocupação tem caráter provisório já que a última colocada na competição do Grupo Especial, a 1<sup>a</sup> divisão, abandona o complexo cedendo seu barracão para a escola campeã do Grupo de Acesso A, a 2<sup>a</sup> divisão (BARBIERI; 2012).

apelidado de “Carandiru 2”. As condições de ocupação neste espaço são parecidas com a do “Carandiru” da Zona Portuária, mas a grande vantagem é a proximidade desse espaço da pista de desfiles da Intendente Magalhães.

Conforme já relatei, sempre tive atração pelo funcionamento de aspectos dos bastidores do desfile, especialmente pelo barracão de escola de samba. Tal qual João do Rio, seduzido pelos personagens, pelos aspectos e tudo mais que encantava nas ruas, segui percorrendo barracões nos dias que antecediam o carnaval, como que buscando a sensação de já estar vivendo a festa e hipnotizado pela potência dos principais objetos rituais das escolas de samba.

Assim, um impulso natural me levou a tomar o barracão do Acadêmicos do Dendê como ponto de partida para estudar as redes de relações sociais desenvolvidas pelos componentes da escola, através do universo das escolas de samba quando ainda fazia minha pesquisa de mestrado em Sociologia e Antropologia pelo IFCS da UFRJ. A importância do barracão de escola de samba como espaço de mediação e da própria alegoria como mediadora simbólica dentro do desfile, emerge com maior força em diversos trabalhos. No entanto, acredito que o caráter revelador fica por conta do seu papel como espaço de “me-

diação sociocultural”, como frisou Cavalcanti (2006; pp.17). Assim, diferente do espaço da quadra, revelador de certo âmbito intimista da escola de samba, o barracão tem um caráter de mediação mais definido. Já na quadra localizada próxima a sua comunidade fundadora atividades de caráter mais intimo – quero dizer que aqui o controle das relações com as demais escolas são menos negociadas, afinal a quadra é a sede da escola de samba - são realizadas, como ensaios técnicos (onde apenas os componentes da escola são convidados a comparecer, ainda que os portões estejam abertos a todos os interessados), as festas dos segmentos da escola e os chamados ensaios show, estes sim de caráter um pouco mais aberto que os demais eventos.

A localização da quadra de certa forma é determinante, pois, especialmente em contextos de negociação, a quadra ganha uma natureza diferente do barracão. É de fato um espaço exclusivo da escola e do lugar ao qual ela está ligada. O barracão localiza-se próximo ao centro da cidade ou da região em que as escolas desfilam. Geralmente são galpões adaptados e de caráter provisório<sup>3</sup>. Porém, se o barracão é de fácil acesso geograficamente, o mesmo não se pode dizer do acesso físico. São locais onde as escolas mantêm seus segredos, suas surpresas, as alego-

rias que serão reveladas apenas na avenida. É um espaço fundamentalmente de trabalho que fica entre o artesanal e o industrial. O fato de diversos barracões localizarem-se próximos aos de outras escolas e próximos dos locais de desfile faz com que sejam espaços de ampla circulação de componentes de escolas de diferentes regiões da cidade que trocam entre si desde elementos alegóricos até os materiais mais básicos para a construção dos desfiles.

Como outro elemento revelador da importância do barracão, que se observa especialmente no caso do Acadêmicos do Dendê, temos o fato de que evidencia-se nesse contexto o empenho da escola em posicionar-se singularmente dentro da hierarquia competitivo-carnavalesca, em contraponto com as escolas da 1<sup>a</sup> divisão. O contexto dos barracões de escolas de samba apresenta hoje uma nítida diferenciação, traçada especialmente a partir da construção da Cidade do Samba. Desde o barracão, podemos perceber com clareza o Dendê como escola que ocupa não apenas posição de valor substancial para a cidade do Rio de Janeiro, mas, especialmente dentro da Ilha do Governador, como escola que tem que construir seu carnaval em um espaço que contrasta muito com os espaços cedidos às escolas componentes da 1<sup>a</sup> divisão.

O barracão é o espaço do trabalho, do esforço e da “demonstração de amor à escola”. Quem vai ao barracão não se satisfaz com suas funções regulares e quer dedicar um pouco mais à sua escola de coração. Assim o barracão coloca a prova o amor pela escola, ao passo que a quadra recebe os visitantes de ocasião. No barracão somente os que mais se dedicam aparecem oferecendo mais do que o componente tem a “obrigação” de dar para a escola – participar de seu desfile e de seus ensaios.

No caso das escolas de samba de divisões inferiores, o reaproveitamento de materiais de outros carnavais das escolas maiores torna-se evidente. Boa parte da movimentação nos barracões das escolas do Carandiru advém dessa intensa movimentação de trocas e negociações de esculturas, que muitas das vezes vão muito além dos limites da cidade (DUARTE; 2015). Todo o processo envolve além da abnegação dos funcionários do barracão, as dificuldades em lidar com a infraestrutura precária dos espaços. Por essa razão muitas das vezes fui solicitado a intervir como mão-de-obra voluntária, seja colando paetês em barras ou saias de alegorias, seja empurrando alegorias em movimentações dentro do barracão durante o processo de preparação. Os casos de observação-participante (WHYTE; 2005) foram bastante

4. O espaço conhecido como Carandiru funcionou pela última vez como barracão de escola de samba no ano de 2014. Após isso o terreno foi desmembrado em equipamentos públicos como um terminal rodoviário, cortado pelo VLT (veículo leve sobre trilhos) e na maior parte ainda é sede e canteiro de obras do consórcio que administra imóveis e equipamentos na zona portuária da cidade do Rio de Janeiro.

5. O Festival Folclórico de Parintins (AM) acontece todos os anos no último final de semana do mês de junho sendo notório nacionalmente pelas apresentações dos bumbás Caprichoso(azul) e Garantido(vermelho).

proveitosos na pesquisa de campo e mostram também uma clara dicotomia entre o ambiente mais reservado das escolas da primeira divisão na Cidade do Samba, onde há uma requisição de confiança a cada acesso ao barracão. No antigo Carandiru da Zona Portuária do Rio de Janeiro<sup>4</sup> circulei de forma segura e desenvolta entre todas as agremiações do espaço tendo conquistado a confiança ou sido apresentado por componentes do Dendê. As relações solidárias de trocas e resoluções de conflitos entre escolas de samba que dividem o mesmo espaço de preparação das alegorias pode ser uma dessas explicações. Até que ponto poderíamos então contrapor elementos que possibilitam essa maior facilidade de acesso aos barracões das pequenas escolas de samba, para além das dificuldades estruturais? Estariam estas dificuldades estruturais como pano de fundo de outras questões como a contraposição entre a rivalidade extrema da das escolas de divisões superiores e a solidariedade entre escolas de divisões inferiores? Vejamos se conseguimos buscar respostas que nos ajudem a lidar com este tema dentro de um contexto da pesquisa de campo junto a escolas de sambas em aberta rivalidade como são as escolas de samba de Manaus.

### **3. Manaus e suas escolas de samba: uma incursão um pouco menos familiar**

O curioso do casso referente as escolas de samba de Manaus é o fato de estar diretamente ligado a experiência mais vigorosa de rivalidade que experimentei em campo. Que seria justamente entre os bois bum-bás de Parintins. Meu primeiro contato com as escolas de samba manauaras se deu de forma peculiar, na escala de uma viagem aérea para o Festival de Parintins<sup>5</sup> no ano de 2010, quando estive no local dos desfiles das escolas de samba, o sambódromo de Manaus. Foi interessante ver que as escolas de samba emulam inclusive a rivalidade parintinense, reservando um setor de arquibancadas para a torcida de cada escola de samba. Fiquei impressionado com a arquitetura imponente de um equipamento construído especificamente para os desfiles e que abrigava então shows, eventos religiosos, paradas militares, competições e exposições automobilísticas, e eventos dos Bois de Parintins.

Foi então que conheci, Schneider, um compositor manauara que facilitou bastante o acesso e me apresentou vários sambistas em Manaus. Schneider, além de compor sambas em diversas escolas de Manaus, ganhou os concursos de samba de enredo para o carna-

6. O lugar da mediação no mundo das escolas de samba foi trabalhado por Maria Laura Cavalcanti (2006) e através da perspectiva do carnavalesco por Nilton Santos (2009).

val de 2011 em duas escolas de Manaus (Reino Unido da Liberdade e Vitória Régia) e é também primo de um conhecido compositor no Rio de Janeiro. Schneider acabou por tornar-se um importante mediador<sup>6</sup> em diversos momentos da pesquisa, apresentando-me às escolas de samba locais e seus componentes.

A pesquisa resultou, portanto, de um duplo desejo deste pesquisador: desvendar e viver na cidade de Manaus e conhecer o universo das escolas de samba locais. O encantamento pela cidade amazônica aconteceu no justo momento da rápida escala tendo Parintins como destino. E o encanto com a cidade só cresceu a cada dia que por lá passei, a cada canto da cidade. Foi um duplo encontro e um duplo encantamento por Manaus e por suas escolas de samba e assim percorreremos os frutos desta feliz realização.

Foi em Manaus, na primeira vez em que encontrei Schneider, que conversamos sobre sua relação com o carnaval da cidade. Enquanto fazíamos o trajeto do campus da Universidade Federal do Amazonas (UFAM), nosso ponto de encontro, até o bairro do Morro da Liberdade, bairro onde é sediada a Reino Unido da Liberdade, ele me contou:

Comecei a compor quando fui transferido para cá com a Marinha, em 2009 mais ou menos. Meu primo já tinha

ganho samba aqui. Nas grandes escolas daqui Aparecida e Vitória Régia. Não no mesmo ano. No mesmo ano eu só consegui agora em 2011 na Reino Unido e Vitória Régia. O pessoal aqui gosta muito do carnaval do Rio. Se você conhece, vem de lá, eles ficam desesperados para te ouvir, para saber o que tá rolando. (...). Isso me ajudou muito aqui. (Schneider, compositor em entrevista no dia 18/09/2011)

Essa menção valorizada ao Rio de Janeiro na fala de Schneider indica a relevância das escolas de samba cariocas no imaginário do carnaval de Manaus. No universo das escolas de samba de Manaus, os locais que organizam e referenciam a rede de circulação dos sambistas são os mesmos das escolas de samba sediadas em outras cidades: a quadra ou sede da escola de samba; seu barracão de alegorias e ateliê de fantasias; e a pista de desfiles. Como peculiaridade das escolas de samba manauaras é preciso recordar a extensão das redes de relações sociais para outras festas da cidade e mesmo de outras cidades, tais como Parintins e Manacapuru que retomaremos detalhadamente mais à frente.

Descobri a riqueza do universo das escolas de samba de Manaus caminhando e me envolvendo com a cidade. Um envolvimento que vai muito além do

supérfluo ouvir um samba, assistir um dia de desfiles. Por não ter nascido nem ter vivido anteriormente na cidade, pensava ser necessário acostumar-me com a cidade e depois tentar entendê-la.

Dada a relação dialógica evocada pelo encontro etnográfico, como coloca Roberto Cardoso de Oliveira (2000), capaz de apreender o excedente de sentido que foge a outras metodologias, a antropologia é uma disciplina peculiar. Junto a Cardoso de Oliveira (op. cit.), Roberto Da Matta (2010) contribui para o referencial teórico-metodológico desta pesquisa. Para ele, na antropologia o paradigma hermenêutico da relação sujeito/objeto deve ser compreendido por meio da lógica da aproximação/interação, pois, compartilhamos - investigador/investigado - “o mesmo universo de experiências humanas” (MATTÀ,2010, p.23).

Seguindo a perspectiva de uma observação etnográfica de perto e de dentro (MAGNANI, 2002), que leva em consideração os atores sociais envolvidos e dos significados por eles atribuídos aos processos sociais que vivenciam, passei a percorrer a rede das escolas de samba em Manaus. Busquei verificar como elas efetuam transações internas que movimentam e afetam a metrópole como um todo. Foi preciso percorrer, respirar a cidade em seus meandros. Conviver com os problemas de Manaus e seus dilemas. Circular

pela cidade captando as particularidades que faziam sentido para os sambistas de Manaus, independente de serem eles nascidos ou não na cidade.

Foi assim que passei a flanar em meu cotidiano pelo centro. Da casa em que morei no bairro da Chapada, bem próximo ao sambódromo de Manaus no centro da cidade para as pesquisas em periódicos na biblioteca estadual, os cursos no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social (PPGAS) da Universidade Federal do Amazonas (UFAM), mesmo para apenas apreciar o movimento e aguardar o ensaio ou evento que alguma escola de samba propunha durante a noite. Visitei todas as escolas de samba que passaram pelo Grupo Especial, mesmo as que não têm papel central naquela pesquisa.

Para percorrer este circuito foi preciso flanar, caminhar despretensiosamente atento a cada peculiaridade da cidade. Fiz isso seguindo os passos de João do Rio: “Flanar é a distinção de perambular com inteligência” (2008, p.51). Já inspirado por João do Rio desde a graduação, a possibilidade de circular pela cidade construindo um caleidoscópio de experiências etnográficas baseadas nesta inspiração foi ainda mais entusiasmante. Através da experiência perambulante assim como apontou Julia O’ Donnel (2008), buscando possibilidade da etnografia na me-

trópole ligada às experiências que também seguem a linha de Robert Park (1987), pensando a cidade e as questões dos metropolitanos com as ideias de Simmel (1987) em mente.

Para além de percorrer as ruas e sedes das escolas de samba em Manaus já no período de 2012 até 2015, convivi com as questões da etnografia mediadas por extensões máquinicos. Aqui nos referimos de forma técnica ao campo que hoje é conhecido – especialmente após a pandemia – como etnografia digital (PINK;2015). A comunicação em espaços virtuais transborda para espaços comunicacionais ou como apresentado por Raquel Recuero em “Conversação em rede: comunicação mediada pelo computador e redes sociais na internet” (2014) pequenas conversações mediadas pelo computador e através das redes sociais e das características da mediação dos pequenos a grandes debates. Para ela “a conversação é uma apropriação das ferramentas digitais, onde limitações são criativamente suplantadas e novos usos emergem da coletividade” (op. cit; pp.216). Os usos destas redes e ferramentas por grupos específicos ligados às escolas de samba em outros trabalhos e diferentes escolas de samba como foi o caso da Portela (ERICEIRA; 2009). Foi assim que se deu meu encontro com um grupo de sambis-

tas que se agrupavam, dentro de uma rede social, em uma comunidade chamada “Carnaval de Manaus - Especial”. Esta mesma que logo depois veio a cindir e formar o grupo “Amigos do Carnaval de Manaus”. Na ausência dos principais grupos de mídia local, grupos se formam na internet em redes colaborativas de informação diariamente alimentadas pelos próprios sambistas da cidade. Recordo aqui que o primeiro contato desta pesquisa foi com um carioca morador de Manaus através da rede mundial. Logo a seguir entrei em contato com dois sambistas da Reino Unido – Bosco Saraiva e Jorge Halen - que naquele momento administravam um grande portal de informações das escolas, o Manaus Samba. Logo a seguir conversei com o autor do único trabalho sobre a história do carnaval de Manaus, Daniel Sales, outro que manteve um site com dados sobre a história dos desfiles na internet.

As formas de informação sobre os desfiles das escolas de samba são razoavelmente limitadas em se tratando da mídia tradicional. São presenças constantes e sempre lembradas as rádios Difusora de Manaus, Amazonas FM e o grupo de mídia que detiver o direito de transmissão dos desfiles do Grupo Especial no carnaval em questão. Fora isso são poucos os veículos que acompanham o cotidiano e

a preparação das escolas de samba em Manaus. No Rio de Janeiro, após o advento dos sites especializados independentes que acompanham o cotidiano das escolas de samba o ano inteiro, vários jornais de grande circulação passaram a manter blogs e portais de cobertura exclusiva das escolas de samba. A ressalva fica por conta da proximidade do carnaval. Faltando duas semanas o assunto de forma natural toma conta dos principais veículos de comunicação da cidade. Verdade que ainda são poucos os espaços que tocam os sambas de enredo das escolas de samba. Na programação das rádios alguns poucos radialistas valorizam as escolas de samba e levavam seus componentes para os programas reconhecidos e festejados pelas escolas.

Havia uma especial predileção no grupo virtual na rede social Facebook pela discussão sobre as cortes das baterias de escolas de samba (madrinhas, rainhas e musas de bateria). As saídas e chegadas nas cortes das escolas de samba e a festa para acolha da corte real do carnaval (Rei Momo, rainhas e princesas do carnaval) eram dos assuntos mais comentados. No grupo muitas das vezes a moderação precisava agir para evitar brigas e amainar polêmicas, boatarias e fofocas. Interessante notar que a entrada da forma de sociabilidade chamada de fofoca chegue

até nós como indicado por Max Gluckman em seu artigo “Gossip and scandal” (1963); ou seja através da vida da realeza britânica no caso de Gluckman e da realeza carnavalesca no nosso caso. O que não tira os méritos do grupo em manter acesso o interesse contínuo e muitas das vezes servindo como única fonte de informação das escolas de samba em Manaus para os sambistas manauaras. Uma questão ainda latente nas escolas de samba que se delineava em Manaus há quase dez anos atrás.

#### **4. Encerramento do desfile**

Neste texto não tentamos criar uma cartilha ou defender uma tese sobre como fazer trabalho de campo junto a escolas de samba. Por outro lado, empreendem os um esforço para ir além do anedotário sobre conceitos e teoria antropológica. O esperado é que o leitor compreenda a importância da pesquisa junto às escolas de samba. Que as pesquisas não se limitem aos aspectos mais latentes desta vigorosa manifestação carnavalesca. O investimento deve superar a investigação das agremiações cariocas tão impressionantes quanto exploradas em sua divisão principal. Devemos avançar observando o fenômeno em outras cidades do Brasil e do mundo (DUARTE; 2015). Va-



mos percorrer os diferentes níveis da competição promovida pelas escolas de samba buscando inclusive suas interseções – como no caso dos blocos de enredo (FERREIRA;2020) ou em outras festas populares como os Bumbás de Parintins (SOUZA; 2020) – e seus desdobramentos. Das pesquisas de campo às relações sociais as escolas de samba são fato social latente de importância mais que comprovada, mas que precisam e podem ser reiteradas em novas pesquisas nós mais diversos campos da ciência.



## Referências

BARBIERI, R. J. **A Acadêmicos do Dendê quer brilhar na Sapucaí.** 1a edição ed. Jundiaí, SP: Paco Editorial, 2012.

CAVALCANTI, M. L. V. DE C. **Carnaval carioca: dos bastidores ao desfile.** 3a ed. [rev.] ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2006.

CAVALCANTI, M. L. V. DE C. **Carnaval, ritual e arte.** Primeira edição ed. Rio de Janeiro, RJ: 7Letras, 2015.

DUARTE, U. C. O carnaval de Uruguaiana nos circuitos carnavalescos dos pampas: notas sobre a análise da economia estética do espetáculo, o globalismo cultural e a antropologia dos objetos entre carnavais. **Textos Escolhidos de Cultura e Arte Populares**, v. 12, n. 2, 1 nov. 2015.

ERICEIRA, R. C. **A reconstrução do passado da Portela na rede mundial de computadores e nas rodas de samba. Rio de Janeiro.** tese de doutorado—Rio de Janeiro: Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2009.

FERREIRA, J. C. V. “Que escola é essa que está desfilando?": os blocos de enredo do carnaval do Rio de Janeiro. **Revista Territórios e Fronteiras**, v. 13, n. 1, p. 67–95, 31 jul. 2020.

LEOPOLDI, J. S. **Escolas de samba, ritual e sociedade.** 1. ed. Rio de Janeiro: UFRJ, 2010.

MAGNANI, J. G. C. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 17, n. 49, p. 11–29, jun. 2002.



MATTA, R. DA. **Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro.** 6. ed ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

MATTA, R. DA. **Relativizando: uma introdução à antropologia social.** Rio de Janeiro: Rocco, 2010.

MAUSS, M.; LEVI-STRAUSS, C. **Ensaio sobre a dádiva.** Lisboa: Edições 70, 2008.

O'DONNELL, J. **De olho na rua: a cidade de João do Rio.** Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

OLIVEIRA, R. C. DE. Os (des)caminhos da identidade. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 15, n. 42, p. 07–21, fev. 2000.

PARK, R. E. A cidade: sugestões para a investigação do comportamento humano no meio urbano. Em: VELHO, O. G. (Ed.). **O Fenômeno Urbano.** 1. ed. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1987.

PINK, S. **Doing sensory ethnography.** Second edition ed. London ; Thousand Oaks, California: Sage Publications, 2015.

RECUERO, R. **A conversação em rede: comunicação mediada pelo computador e redes sociais na Internet.** 1. ed. Porto alegre: Sulina, 2014.

RIO, J. DO. **A alma encantadora das ruas: crônicas.** São Paulo: Companhia De Bolso, 2008.

SANTOS, N. **A arte do efêmero: carnavalescos e mediação cultural na cidade do Rio de Janeiro.** Rio de Janeiro, Brazil: Apicuri, 2009.



SIMMEL, G. A metrópole e a vida mental. Em: VELHO, O. G. (Ed.). **O Fenômeno Urbano**. 1. ed. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1987.

SOUZA, J. G. M. DE. Carnaval e Boi Bumbá: entrecruzamentos alegóricos. Em: CAVALCANTI, M. L. V. DE C.; GONÇALVES, R. DE S. (Eds.). **Carnaval sem fronteiras: as escolas de samba e suas artes mundo afora**. 1. ed. Rio de Janeiro: MAUAD Editora, 2020. p. 280.

TURANO, G. DA C. **UES, UGES, FBES, UGESB, CBES e AESB! Que carnaval é esse? As instituições carnavalescas no processo de formação e agigantamento das escolas de samba entre os anos de 1935 e 1953**. tese de doutorado—Rio de Janeiro, RJ: Instituto de Artes da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2017.

VELHO, G. **Projeto e metamorfose: antropologia das sociedades complexas**. Rio de Janeiro: J. Zahar Editor, 1994.

WAGNER, R. **A invenção da cultura**. Tradução: Aelexander Morales; Tradução: Marcela Coelho De Souza. Sao Paulo, Brasil: Cosac Naify, 2010.

WHYTE, W. F. **Sociedade de esquina: a estrutura social de uma área urbana pobre e degradada**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2005.